

Eu, Barrabás

Ivana Moraes

Eu, Barrabás

(Romance espírita)

© 2010 - Conhecimento Editorial Ltda.

Eu, Barrabás

Ivana Moraes

Todos os direitos desta edição reservados.
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA
www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br
Fone/Fax: 19 3451-5440

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, do editor.

Edição de texto:

Margareth Rose Fonseca Carvalho

Projeto Gráfico:

Sérgio Carvalho

Ilustrações:

Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-200-9

1ª Edição - 2010

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no departamento gráfico da
EDITORA DO CONHECIMENTO
conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Odetinha, (Espírito)

Eu, Barrabás / Odetinha ; obra psicografada por Ivana Moraes — 1ª ed. — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2010.

ISBN 978-85-7618-200-9

1. Espiritismo 2. Psicografia 3. Romance espírita I. Ivana Moraes II. Título

10-03198

CDD – 133.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance espírita : 133.9

Ivana Moraes

Eu, Barrabás

1ª edição – 2010



Capítulo 1

Eu, Jeshua Bar'Rabás, nasci na primavera do ano 7 a.C. É provável que você nunca tenha ouvido falar de mim. Pelo menos não com este nome. Fiquei conhecido como Barrabás, o Bandido. Alcancei notoriedade depois de ter sido ironicamente trocado por outro prisioneiro, condenado à cruz em meu lugar, chamado Jeshua Ben'Joseph, conhecido como Jesus, o Carpinteiro.

Nascemos na mesma terra, na mesma época, com a mesma condição social e carregamos o mesmo nome. E, no entanto, nunca alguém pôde imaginar duas pessoas tão diferentes.

Cresci numa família pobre e numerosa. Meu pai construía casas e minha mãe dedicava todo o seu tempo aos meus sete irmãos e aos afazeres domésticos. Era o primogênito e logo comecei a acompanhar meu pai no trabalho. Antes mesmo que me nascessem os primeiros fios de barba, já possuía calos nas mãos.

Eu tinha apenas doze anos quando presenciei pela primeira vez a crueldade humana. Estava com meu pai erguendo uma casa nos arredores de Jerusalém, quando ouvi gritos e um tumulto vindo de algumas casas mais à frente. Com a curiosidade que é peculiar às crianças, corri para ver o que estava acontecendo. Fui imediatamente repreendido por meu pai, que procurou me deter. Mas era tarde. Cheguei a tempo de ver um homem ser impiedosamente morto a golpes de espada por três soldados romanos que passavam pelo local. Mesmo depois de o homem já estar desfalecido, eles continuavam a golpeá-lo por puro divertimento.

Antes de se afastarem, aproximaram-se de uma jovem que estava encolhida num canto, apavorada, limpavam o sangue de suas espadas nos seus longos cabelos e ainda lhe deram uma bofetada. Só então saíram em disparada, deixando para trás alguns moradores da rua assustados, contendo a revolta.

Quando a poeira da estrada já havia engolido o tropel dos seus cavalos, algumas pessoas se aproximaram da moça, que chorava em desespero, procurando consolá-la em vão. Outros se ocuparam em retirar dali o corpo do pobre infeliz. Ouvi comentários sobre o que tinha ocorrido. A moça era filha do homem que havia sido morto. Ele enfrentara os soldados para defender a filha dos abusos constantemente cometidos pelos romanos contra jovens pobres das províncias dominadas por Roma. Ao ver a filha sendo molestada pelos soldados, investiu contra eles com as mãos vazias e a certeza de que não teria a menor chance de sobreviver. Mas ao menos seu sacrifício não fora em vão. Ao derramar o sangue daquele pai aviltado, os soldados saciaram sua sede de prazer. Tirar a vida de um homem talvez desse a eles tanto prazer quanto deitar-se com uma mulher.

Os curiosos se afastaram cabisbaixos e calados. A jovem seguiu caminhando atrás dos que levavam o corpo do pai. Todos iam desolados e humilhados. Ninguém esboçava uma atitude sequer. Sabiam que não adiantaria.

Meu pai me tomou pela mão e voltamos ao trabalho como se nada tivesse acontecido. Um homem fora assassinado; sua vida findara ali, como uma simples folha que cai de uma videira, e tudo continuava como antes.

Em minha mente, imaginei quantos homens eu veria morrer assim em minha vida. Uma revolta muda nasceu dentro de mim e, desde aquele dia, todas as vezes que via um soldado romano meu coração se enchia de ódio. Minhas mãos se fechavam e eu estava sempre pronto a reagir ao menor insulto que me fizessem. Estava sempre preparado para lançar-me sobre qualquer um deles, caso fosse necessário. Eu poderia morrer, como aquele homem que vi, mas jamais sem levar comigo um daqueles cães.

Cedo comecei a andar com um punhal escondido sob as

roupas. E confesso que sentia um enorme desejo de ter a oportunidade de usá-lo. Mas nunca tive essa sorte.

Tornei-me um homem forte, robusto e de modos rudes. Minha vida se resumia em trabalhar duro para arcar com os abusivos impostos que os romanos nos impunham. Sobrava pouco ou quase nada para sobreviver. A miséria imperava fora dos palácios luxuosos de César e dos governadores de suas províncias.

Pouco antes de morrer, meu pai me arranhou uma noiva. Era uma moça de família conhecida, primos distantes de meu pai. Morava na Galileia e nunca nos vimos antes do dia de nosso casamento. A espera valeu a pena. Leah era doce, de sorriso fácil, pele amorenada pelo sol e olhos amendoados e negros. Tinha uma beleza exuberante. Eu a amei no primeiro instante em que a vi.

No dia seguinte ao nosso casamento, Leah estava arrumando seus pertences na modesta casa que construí para morarmos. Entre suas roupas notei um objeto curioso. Quando perguntei o que era, ela logo abriu um largo sorriso e tratou de explicar:

— É um presente de casamento que ganhamos. Há um jovem carpinteiro na cidade onde nasci que é conhecido por sua gentileza e amabilidade. Uns dizem até que é um homem santo; outros dizem que é louco. Sempre costumava vê-lo passar pela estrada nos fins de tarde, após ter ficado longas horas nas colinas de Nazaré apenas olhando para o horizonte. Um dia, quando eu estava retirando água do poço, ele se aproximou e me pediu um pouco d'água. Depois que bebeu, retirou de dentro da túnica este objeto e me entregou. Vacilei antes de aceitar, mas ele insistiu dizendo:

— Sei que vai se casar em breve. Aceite isto como um presente em agradecimento pela sede que me saciou.

Antes de se afastar, ainda virou-se e disse:

— Peça a seu noivo que o leia para você.

Peguei o objeto e examinei, curioso. Era uma pequena tábua com cerca de um palmo de tamanho. Na superfície da madeira havia uma primorosa arte de pássaros em revoada, esculpidos em alto relevo. Logo abaixo, uma pequena frase estava cravada. Leah não sabia ler, como era comum às mulheres po-

bres daquela época. O que mais me intrigava era o fato de o tal carpinteiro ter pedido que eu lesse, sem mesmo me conhecer. O escrito dizia o seguinte: “Faça-os voltar ao ninho!”.

— Sabe o que está escrito? – perguntei a Leah.

— Não.

— Faça-os voltar ao ninho – disse eu, sem entender.

— Ele devia estar se referindo aos pássaros esculpidos na madeira.

Examinei o pequeno pedaço de madeira, sem encontrar sentido algum para aquelas palavras. Talvez aquele jovem fosse mesmo um louco, como alguns supunham. Mas era indiscutível o seu talento. Os finos traços escavados na madeira eram de uma perfeição absoluta. Os pássaros pareciam vivos, e às vezes eu tinha a impressão de que saíam voando daquela pequena tabuleta. Simplesmente não havia marca das ferramentas com que fora feita. Era como se a madeira tivesse se moldado criando formas de pássaros e letras. Não havia uma só farpa fora de lugar. Leah colocara aquela pequena obra de arte como enfeite em nossa casa, e confesso que não lhe dei mais nenhuma atenção.

Meses se passaram e vivíamos num clima de perfeita harmonia. Não me recordo de ter tido tanta paz em qualquer outro momento de minha vida. Mas essa paz durou pouco tempo.

Estava construindo uma casa grande e trabalhosa numa vila um pouco retirada de Jerusalém. Saía bem cedo e só retornava quando a noite já tinha caído.

Naquele dia, o sol estava inclemente. O cansaço consumia cada parte do meu corpo, quando um rapazola, meu vizinho, chegou correndo à minha procura.

— Barrabás... Barrabás você precisa vir rápido!

— O que foi, menino? O que aconteceu?

— Sua esposa...

Não ouvi mais nenhuma palavra. Saí correndo em desespero, na certeza de que algo terrível tinha acontecido com Leah.

Quando cheguei à nossa casa, não a encontrei. Um amigo que morava próximo me abordou com olhos assustados.

— Ela não está aqui, Barrabás. Os sacerdotes a levaram. Foi acusada de adultério.

As palavras de meu amigo Simão soaram como um anúncio de catástrofe para mim. Sabia que a pena para as mulheres adúlteras era o apedrejamento. Não havia escapatória.

Corri com todas as minhas forças na esperança de encontrá-la, antes que começassem a aplicação da lei mosaica. Mas cheguei tarde. O que encontrei foi somente um amontoado de pedras que quase encobria totalmente o frágil corpo de minha esposa.

Revoltado, removi as odiosas pedras ensanguentadas e ainda percebi um fio de respiração em Leah. Ainda estava viva. Roguei aos céus que conseguisse escapar viva, mas era improvável. Estava ferida demais.

— O que aconteceu? Por que fizeram isso com você? — perguntei entre lágrimas.

— Soldados... tentaram me forçar... — Leah já não tinha forças para falar. Meu amigo Simão concluiu o que ela quis dizer.

— Os soldados a abordaram à beira do poço. Quiseram molestá-la, mesmo quando disse que era uma mulher casada. Quando alguns moradores se aproximaram para atender aos gritos de socorro de Leah, eles ainda a acusaram de adúltera. Disseram que ela é quem tinha se oferecido a eles de modo vulgar. Arrastaram-na até os sacerdotes e acusaram-na formalmente. Seus próprios colegas serviram de testemunhas, confirmando a calúnia. Foi aí que decidimos mandar o rapaz para avisá-lo.

Tomei Leah em meus braços sentindo que a vida dela se escoava rapidamente, sem que eu nada pudesse fazer. Chorei amargamente ao perceber que ela havia partido. Não tinha a quem apelar. Que valeria minha palavra contra a de um soldado romano? Quem faria justiça à vida de minha pobre esposa, que pagara o preço por ter nascido bela e pobre? Senti em meu peito a mesma dor e impotência que testemunhara no passado, ao ver aquele homem ser morto pelos soldados que importunavam sua filha. Eu era apenas mais uma vítima da arrogância e vileza de Roma. A lei de Moisés era rígida, mas não previra a mentira inescrupulosa.

Como não havia o que fazer, então chorei. Chorei até sentir que não tinha mais lágrimas a derramar. Chorei até que toda

a dor contida em meu peito cessasse. E jurei que nunca mais choraria novamente, e que nada nem ninguém seria capaz de me fazer sofrer de novo.

Leah foi sepultada e com ela o meu coração e meus raros bons sentimentos. Nossa casa ficou vazia e escura. Doeí suas poucas roupas e conservei comigo apenas uma lembrança dela: a tábua entalhada que o carpinteiro lhe havia dado.

Uma amargura aguda tomou conta de mim e meu único pensamento era de vingança. Todas as vezes que via um soldado romano passar, crescia minha vontade de acabar com todos eles e sua soberba insuportável. Olhavam para nós com desprezo e ironia, como se não fôssemos sequer humanos e sim animais, cuja única utilidade era o trabalho pesado e o abate.

Essa revolta foi crescendo em meu íntimo até tornar-se uma obsessão. E essa obsessão foi o início de minha ruína.

Capítulo 2

Era dia de pagamento de impostos, momento em que ficava mais evidente nossa condição de servidão com relação à Roma. O cobrador montava uma pequena tenda na entrada da cidade e ali permanecia durante todo o dia, resguardado por dois soldados. Os moradores faziam uma fila para entregarem às aves de rapina quase tudo o que ganhavam com seu trabalho. Em todos os rostos transparecia o desgosto e o desamparo.

Eu estava na fila, seguido de meu amigo Simão. O cobrador passou por nós com sua túnica luxuosa que o fazia parecer mais alto do que realmente era. Na verdade, não eram poucos os que zombavam dele por sua baixa estatura. Chamava-se Zaqueu e sua fortuna o fazia famoso pela cidade. E o que mais revoltava a todos era o fato de ser judeu como nós.

Roma usava de astúcia para dominar os povos que considerava inferiores. Ao invés de colocar cobradores de impostos romanos, passara a usar gente de nosso povo. No passado, muitos cobradores romanos haviam sido mortos por membros de um partido rebelde: os zelotes. Agora, preferiam dispor de cidadãos judeus, devidamente seduzidos por salários vultosos e por algumas regalias concedidas por César. Embora esses cobradores alcançassem riqueza e privilégios, eram odiados por seu povo, que os consideravam traidores.

Zaqueu sentou-se sob a tenda e começou a executar sua tarefa. De cada cidadão conferia cuidadosamente cada denário. Sonegações eram muitas vezes pagas com a vida. Dívidas para

com Roma significavam cárcere e sofrimento.

Os olhos astutos dos soldados captavam todos os movimentos ao redor. Um deles parecia preocupado com um pequeno grupo de homens que observava a cobrança de longe. Eu e Simão percebemos a tensão no ar. Simão dirigiu-me um olhar assustado e puxou-me para perto de si, sussurrando em meu ouvido:

— Aquele soldado...

— O que tem ele?

— Cuidado com ele. Foi ele quem tentou abusar de Leah. Não é bom que saiba quem você é.

Ao ouvir as palavras de Simão, senti um calor percorrer todas as minhas veias e imediatamente levei a mão ao punhal que guardava sob a roupa. Simão apertou meu braço com força.

— Nem pense nisso! Eu só o avisei para que tivesse cuidado com ele. Não faça nenhuma besteira!

Lutei para me dominar, mas meu desejo era de sangue. Só desviei meu olhar quando o tal soldado se deslocou da tenda onde estava e foi em direção ao grupo de homens que observava de longe. Simão olhou para eles e levou a mão ao rosto impaciente. Tive a impressão de que fez algum sinal para os tais homens. Eu não os conhecia e estranhei a atitude de meu amigo.

— Quem são eles? Você os conhece? – perguntei.

— Silêncio! Fique quieto e evite olhar para eles!

Inesperadamente o tumulto começou. Ao ver a aproximação do soldado, os homens tentaram se afastar às pressas.

— Parem aí! – advertiu.

Eles não obedeceram e tentaram correr, mas imediatamente o outro soldado juntou-se ao primeiro e gritou para os que estavam de guarda à entrada da cidade:

— Zelotes! Zelotes! Não deixe que escapem!

Simão parecia esconder o rosto com a ponta da túnica. A correria e o pânico eram gerais. Mulheres e crianças buscavam se abrigar, pois sabiam que as mortes seriam inevitáveis. Simão tentou me arrastar para trás de uma coluna onde se escondia, mas fui mais rápido. Meu ódio não permitia que eu raciocinasse.

Aproveitei o tumulto e fui à procura do soldado que ar-

ruinara minha Leah. O punhal já estava brilhando em minhas mãos quando percebi que os homens que tentaram fugir estavam muito bem armados com espadas e reagiam ao cerco que lhes impunham. Eram habilidosos no duelo e demonstravam destemor, tanto quanto eu. Pouco me importava se eram zelotes ou não. Nunca tinha tido contato com eles. Somente me preocupava em conseguir chegar perto do maldito soldado que condenara minha esposa.

Mergulhei no meio da luta e, quando estava pronto para desferir um golpe certo nas costas do soldado, um outro arrancou-me o punhal da mão e feriu-me no ombro direito. Vi a morte diante de mim e já julgava acabada ali minha triste existência, quando alguém gritou meu nome. Sem pensar, virei-me e vi Simão que me atirava uma espada. Só aí percebi que ele também estava no meio da luta.

Cruzei espadas com o soldado com tanta fúria que me surpreendi com minha própria destreza. Na verdade, colocava para fora toda a revolta guardada por anos de repressão e dor. Em poucos minutos o abati e parti em busca de meu alvo. Minha sede não estava saciada.

Quando me vi diante dele, senti um estranho prazer que triplicou minhas forças. Com um estranho sorriso no rosto, passei a coagi-lo sem trégua. Podia ver o medo estampado nos seus olhos, mas nada me comoveu. Arranquei-lhe a espada das mãos num só golpe e, mesmo depois de vê-lo desarmado, fui impiedoso. Atravessei-o com um golpe certo, retirei a espada de seu ventre ensanguentado e ainda decepei-lhe a cabeça. Só aí minha fúria cessou. Quando o vi estendido no chão, sorri satisfeito e murmurei comigo:

— Por Leah!

Por um segundo esqueci que matar um soldado romano era decretar a própria condenação. Os outros vieram em minha direção e procurei escapar como pude. A correria desordenada criava pânico e gritaria. De repente, senti uma mão forte que me puxava para uma viela estreita. Corremos por ali e fomos parar num estábulo, nos arredores da cidade.

Escondido no meio dos animais, tentei recuperar o fôlego.

Só então me dei conta de que o homem que me salvara era Simão. Depois de alguns minutos, ele finalmente falou:

— Percebe a loucura que acaba de fazer?

— O que esperava? Que eu ficasse quieto?

— As coisas não devem ser feitas assim, Barrabás. Você precisa aprender a dominar seus impulsos. Deve aprender a usar mais a cabeça e menos o coração. Se quer mesmo fazer justiça à sua esposa e a tantos que sofrem sob o jugo romano, dou-lhe toda a razão. Mas existem meios menos suicidas de se fazer isso.

— Que meios? Como sabe dessas coisas, Simão? Hoje tive a impressão de que você conhecia os zelotes. De onde tirou aquela espada que me deu? Nunca soube que andasse armado.

Simão sorriu e comecei a me dar conta de que estava diante de uma pessoa que até ali desconhecia.

— Tenha calma, meu intempestivo amigo! Sei de muitas coisas que você desconhece. A primeira é que um homem que anda armado nunca deve revelar a ninguém que anda assim. O efeito-surpresa faz com que os oponentes tenham lidar com você. A segunda: sei dessas coisas porque conheço os zelotes bem de perto. Sou um deles, Barrabás.

Fiquei mudo e tive de concordar com Simão a respeito do efeito-surpresa. Depois de tantos anos de convivência, sequer desconfiaria do seu envolvimento com os zelotes.

Os zelotes eram um grupo político que lutava contra a dominação de Roma sobre Israel. Sua meta era expulsar os romanos a todo o custo, usando de todos os meios necessários, principalmente a violência. Todos os que eram suspeitos de envolvimento com os zelotes passavam a ser perseguidos, e quase sempre terminavam na prisão. Caso fosse provado o seu envolvimento, o destino certo era a cruz, destinada a prisioneiros políticos, traidores de César ou graves hereges.

Os zelotes eram sempre pessoas como eu, que não suportavam caladas tanta opressão. A maioria já tinha sofrido com a perda de familiares e amigos pelas mãos dos romanos. A vida já tinha perdido o sentido para eles e para mim. Por isso, tudo parecia válido. Era uma satisfação morrer, se desse modo se conseguisse levar consigo ao menos uma das aves de rapina.

O que me espantava era o fato de Simão ser um homem quase sempre pacífico e de gênio tolerante e amigável. Bem diferente de mim, que era passional, agressivo e revoltado. Nunca o ouvi proferir uma só queixa sobre nada ao seu redor. Olhava a tudo com olhos apagados, distantes e indiferentes. Pelo menos, é o que fazia parecer.

Agora eu sabia que Simão não era tão tolerante assim.

— Você, um zelote? Não consigo acreditar.

— Por quê? Só porque não saio por aí matando soldados romanos durante tumultos públicos? — disse sorrindo ironicamente. — Já lhe disse que existem outras formas. É preciso usar de astúcia. Os romanos são extremamente inteligentes. Se desejamos combatê-los, devemos agir com inteligência. É claro que, se a força se faz necessária, nós a usaremos, mas de maneira planejada, no momento mais adequado. Eles têm uma vantagem que não possuímos: grande número de soldados. Somos poucos e pobres. Eles são o exército mais poderoso do mundo e o Império mais rico. Temos de compensar essas faltas com raciocínio. Penso que você poderia ser muito útil para nós, mas antes deve aprender a dominar-se.

— Eu, um zelote? Quer que eu me junte a vocês? Não tenho pretensões políticas e não entendo nada sobre isso. Sou um homem rude. Só gostaria de viver com um mínimo de dignidade.

— Todos nós queremos isso. Neste momento, creio que você não tem muita escolha. Olhe o que fez! Você matou dois soldados romanos. Hoje mesmo vão destacar tropas para procurá-lo em cada canto da cidade. Farão questão de crucificá-lo diante da cidade inteira e do modo mais doloroso possível. O que vai ganhar com isso? Se ficar vivo e lutar conosco, poderemos ter mais uma chance de vencer. A escolha é sua. Pode voltar para casa agora e esperar que venham buscá-lo, ou pode vir comigo para um lugar onde estará seguro.

Por alguns minutos pensei no que havia feito e percebi que me encontrava numa situação sem volta. Não poderia retornar para casa. Minha vida não valia mais um denário sequer. Vi-me forçado a aceitar a proposta de Simão.

Ficamos por algum tempo escondidos nos estábulos e só

saímos quando Simão julgou que era mais seguro. Ele me levou para a casa dele, foi até a minha e apanhou algumas roupas e um objeto especial a meu pedido: a tábua de madeira entalhada, minha única lembrança de Leah.

Pouco tempo depois, seguimos para fora da cidade, num lugar onde ficava um cemitério abandonado. Era um descampado ermo e pedregoso. As sepulturas eram escavadas nas pedras e fechadas com uma maior. Os zelotes removiam as pedras das entradas e usavam os túmulos como esconderijos. Normalmente queimavam os restos mortais que ali se encontravam e se instalavam sem a menor cerimônia.

Senti repugnância daquele lugar, mas não havia como voltar atrás. Em poucas horas minha vida tinha se transformado de modo brutal. De humilde e rude construtor de casas, tornei-me um assassino foragido. Foi assim que em pouco tempo tornei-me um zelote e que ganhei o nome de Bandido Barrabás.

Capítulo 3

Chegamos ao esconderijo dos zelotes depois do cair da noite. Fomos recebidos por dois homens fortes e de semblante duro que saltaram de trás de uma pedra sem que eu ouvisse um só sussurro. Traziam duas espadas afiadas e estavam de guarda. Ao reconhecerem Simão, abaixaram imediatamente as espadas.

Nós nos aproximamos de um dos sepulcros onde havia um pouco de luz e entramos. Todos fizeram silêncio ao me verem.

— Trouxe mais um que se juntará a nós. Seu nome é Barrabás.

Um homem forte se aproximou e olhou-me demoradamente.

— Mas este é o homem que matou dois soldados no tumulto da cobrança de impostos! Ele arruinou nossos planos de hoje! — disse o homem irritado.

— Eu sei. Ele tem muitas coisas a aprender, mas é forte e esperto. Basta que o treinem e será um bom soldado. Além do mais, depois do que fez, não tem alternativa. Sua esposa foi morta por causa daquele soldado que ele matou. Tem motivos suficientes para querer juntar-se à nossa luta. Também não tolera mais a repressão de Roma — argumentou Simão.

O homem continuou me observando e concluiu:

— Ele luta bem, para quem nunca teve treinamento. É forte e destemido. Isso pude constatar. Mas é imprudente. Terá que aprender a ser cauteloso e trabalhar em equipe. Aqui a vida de todos depende da ação de cada um.

— Estou disposto — disse eu, em tom arrogante.

Ele sorriu e respondeu:

— Que seja! Vejamos quanto tempo vai conseguir ficar vivo!

A princípio fiquei isolado dos outros. Todos me olhavam com certa desconfiança e eu nada fazia para conquistar-lhes a simpatia. O único que me dirigia a palavra era Elão, o homem que me reconheceu logo quando cheguei. Era exigente e rude, mas não demorou a reconhecer minhas qualidades. Descobri um talento até ali camuflado: era muito bom com o manuseio da espada. Elão mesmo encarregou-se de me treinar e fui aprendendo que a astúcia acaba acrescentando ainda mais força àquele que luta. Ao contrário de me atirar de modo desvairado no combate, aprendi a observar os pontos fracos do oponente e a atingir regiões fatais ou as que imobilize o combatente.

Aos poucos fui ganhando o respeito e a confiança dos outros homens. Éramos cerca de cento e vinte e tínhamos poucas armas. De tempos em tempos, eram promovidos ataques a entrepostos militares para saquear. O alvo principal eram as armas. As espadas romanas eram leves e bem forjadas. Quando empunhei uma pela primeira vez, senti que nenhum soldado seria páreo para mim e que seria irônico matá-los com suas próprias lâminas.

Simão ficou muito tempo distante de nós. Estava sendo investigado por minha causa. Mas sabia muito bem como dissimular. Depois de meses, apareceu em nosso esconderijo com más notícias para mim.

— Você está sendo procurado em todo Israel. Os soldados estão vasculhando cada canto de Jerusalém. Quando souberam que éramos amigos há muitos anos, tentaram me torturar para que dissesse onde você está.

— E o que fez? – perguntei preocupado.

— Sei iludi-los. Implorei, inflei-lhes o ego com minhas súplicas e demonstrações de fraqueza. Então me deixaram em paz. Mas não desistirão de procurar você. Sua atitude acabou despertando a coragem de muitos que não se animavam a enfrentá-los. Pequenas revoltas estão pipocando em vários vilarejos ao redor de Jerusalém. Corre a notícia sobre o homem que conseguiu matar dois soldados num só dia e escapar ileso. Alguns jovens já começam a considerá-lo um herói. E como